

RESENHA

TOFFLER, Alvin. **O choque do futuro**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 1970.

Rosângelis Rodrigues Fernandes Lima¹

O professor Alvin Toffler, certamente é um dos maiores futurólogos do mundo. Paralelo às suas obras, a literatura mundial aponta o que foi produzido pelo também futurólogo canadense Marshall McLuhan. Toffler é conhecido mundialmente pelas previsões que fez sobre as tendências do futuro. Mas, é interessante citar que teve como parceira sua Esposa Heidi, que sempre colaborou com suas pesquisas e fazia a edição das suas obras.

Ex-marxista, Toffler pressupôs em seus escritos a função operacional dos argumentos futuristas. É especialista em apontar tendências e dinâmicas para o futuro, isso se configura na publicação de onze livros que trazem esta temática.

É preciso citar, ainda, que Toffler e Heidi sentiram literalmente na pele o choque do futuro. Eles queriam vivenciar as ações, os problemas, as frustrações, os avanços. Tornaram-se operários, filiaram-se a sindicatos e viveram as transformações eminentes e previsões para o futuro.

Dentre suas obras, destacam-se duas: *O choque do futuro*, em 1970 e dez anos depois, em 1980, *A terceira Onda*. No livro *O Choque do futuro*, afirma que o mundo passaria por mudanças de forma acelerada e que as instituições e a sociedade teriam dificuldades em lidar com essa aceleração. É verdade que algumas previsões feitas, 38 anos depois, não se concretizaram, como quando este aponta que teríamos roupas feitas de papel, descartáveis. Mas, fez previsões acertadíssimas como a de que as pessoas teriam computadores pessoais (PCs), o surgimento e avanço da TV a cabo (aquela por assinatura), a sobrecarga nas tomadas de decisões, a questão do sistema educacional que no futuro perpassaria pelo caminho da obsolência, que era preciso saber gerenciar a transitoriedade no mundo dos negócios, a clonagem, o crescente avanço da tecnologia digital, entre outras.

O choque do futuro prevê um mundo em transitoriedade, ou seja, da transição de um mundo estático, para um universo de velocidade e transformação em constante aceleração.

Em sua essência, *O choque do futuro* foi dividido em algumas partes de extrema relevância como o decreto da morte da permanência; a questão eminente da transitoriedade (da vida, das relações humanas, dos negócios, das informações, entre outros); a chegada

¹ Professora da Faculdade Adventista de Educação do Nordeste. Coordenadora Pedagógica da Rede Municipal de Ensino de Feira de Santana.

marcante da diversidade nos estilos (de vida, de identidades); os limites físicos, emocionais, psicológicos e espirituais para adaptar-se às mudanças em tão frenético processo de aceleração e ainda, aponta estratégias para que o ser humano pudesse saber lidar com todas essas transformações.

Toffler afirma que “este livro fala do que acontece às pessoas quando se vêm subjugadas pelas mudanças. Trata dos métodos pelos quais nos adaptamos- ou não – ao futuro”. (p. 13). E para compreender melhor todas essas questões, faz-se necessário vislumbrar sinteticamente o que o autor propôs nos vinte capítulos de sua obra.

No primeiro capítulo – A 800ª Geração - afirma que “A sociedade ocidental, nos últimos 300 anos, vem sendo arrastada por um turbilhão de transformações”. (p.21). Essas transformações são entendidas como aceleração de mudanças que não se restringe somente a indústrias ou nações, mas penetra nas comunidades locais, bem como em toda a sociedade, alterando sistemas gerenciais, de vida e de identidades.

Toffler afirma que a aceleração de mudanças, de choque do futuro, é um fenômeno temporal, que surgiu da imposição de uma nova cultura sobre a outra mais antiga. Nesse momento, ele apresenta que paralelamente ao choque do futuro está o “choque da cultura”. (p. 22).

O autor sinaliza que a 800ª Geração encontra-se totalmente despreparada para lidar com o futuro e suas consequências. Essa mesma geração “marca uma profunda ruptura com toda a experiência humana do passado, porque durante esta geração o relacionamento do homem com seus recursos foi revertido”. (p. 25). O ponto crucial dessa geração é ser capaz de adaptar-se e saber lidar com essa nova realidade.

No segundo capítulo - O impulso da aceleração – questiona, *a priori*, “Como podemos saber que as mudanças estão em aceleração?” (p. 30). E o mesmo responde que “não existe, afinal um modo absoluto de medir uma mudança”. (p. 30). Entretanto, a mudança é relativa, processual e desigual e uma forma de medida da mudança é o tempo. Para Toffler, “sem o tempo a mudança não tem significado. E, sem a mudança, o tempo pararia”. (p. 31). Nessa questão mudança-temporalidade, há um avanço muito maior quando se mede os avanços físicos que os sociais. E o grande motor da mudança é a tecnologia. Mas é preciso compreender como os efeitos dessa aceleração podem afetar o ritmo de vida do ser humano, o que para Toffler é “compreender a transitoriedade”. (p. 41).

O capítulo três - O ritmo de vida - “traça uma linha através da humanidade”. (p. 43). Cada pessoa, comunidade ou nação tem seu próprio ritmo característico. Conceitua, ainda, que a transitoriedade pode ser entendida como uma “nova temporariedade da vida diária”. (p.48).

O capítulo quatro - As coisas: a sociedade do descartável - enfatiza a questão

da continuidade ou descontinuidade das coisas, dos pensamentos e das relações. Afirma que num futuro não tão distante muitas coisas seriam descartáveis, inclusive as relações interpessoais. Sendo assim, tudo converge para “a inelutável efemerização do relacionamento homem-coisa”. (p. 70).

A questão das mudanças, dos deslocamentos constantes, é retratada no capítulo cinco - Os lugares: os novos nômades. Toffler traz de forma muito coerente as mudanças geográficas que acontecem constantemente na vida das pessoas e que quando esses indivíduos se sentem pressionados a tendência é mudar, pois “a mobilidade misturou tanto as coisas que as diferenças importantes entre as pessoas já não estão mais fortemente relacionadas aos lugares de onde vêm”. (p. 85).

No capítulo seis - As pessoas: o homem modular - o autor afirma que “nenhuma pessoa inteira é idêntica a qualquer outra. Mas certos módulos são”. (p. 89). Nesse processo de aceleração de mudanças, as relações humanas também são modulares.

Ad-hocracia é um conceito cunhado por Toffler e isso é trabalhado no capítulo sete - Empresas: a ad-hocracia emergente. Nesse processo de mudanças aceleradas, as empresas e organizações rompem com as tradicionais normas burocráticas. Faz-se necessário novas oportunidades, a desburocratização das instituições e para tal, o incentivo à criatividade é imperativo, pois no futuro a sociedade será dinâmica e altamente mutável.

Quanto à “Informação: a imagem cinética”, temática do capítulo oito, o autor chama a atenção para a “celebridade instantânea” (p. 130), que passa pela sociedade rapidamente. O termo cinética vem de cinemática e pode, grosso modo, ser entendido como velocidade ou andamento. Isso reflete perfeitamente na informação que será extremamente volátil.

Todas essas mudanças que ocorrem rapidamente obrigam o ser humano a um ritmo de vida cada vez mais rápido, exigindo um novo modo de adaptabilidade para o que Toffler chama de “doença social potencialmente devastadora – o choque do futuro”. (p. 153).

A transitoriedade é o primeiro passo para compreender a nova sociedade em eterna mutabilidade e a inovação é a segunda. Certamente, a ciência, com seus avanços tecnológicos, tem feito pesquisas que em muito contribuirão para o crescimento, aceleração das mudanças e para o choque do futuro.

No capítulo nove - A trajetória científica - Toffler diz que o futuro despontará como incidentes bizarros, descobertas maravilhosas, conflitos enormes e dilemas e questionamentos intermináveis. Nessa trajetória da ciência, a revolução superindustrial terá papel relevante, pois trará novas oportunidades pessoais, econômicas, sociais e culturais para o ser humano.

É possível, ainda, com a crescente habilidade em alterar o tempo, “novas fontes de energia, novos materiais, novos meios de transportes, novos alimentos – tudo isto está

apenas começando a sugerir a natureza das aceleradas mudanças que estão à nossa frente”. (p. 163). É possível a clonagem de seres vivos; os andróides e cyborgs transitando livremente entre os seres humanos.

Já no capítulo dez, os criadores de experiência é o tema predominante. Aborda a questão de que é preciso extirpar a estrutura do pensamento econômico ortodoxo e partir para o preparo do amanhã, que poderia se traduzir em mudanças de valores para uma futura revolução superindustrial. Comunismo e capitalismo serão temáticas insignificantes, ultrapassadas política e ideologicamente.

Com a mudança da tecnologia, trabalho, economia, escola, religião e política, há também, mudança na família, tão bem explicitado no capítulo onze: A família fragmentada. Essas constantes, veementes e rápidas transformações trouxeram problemas para a estrutura familiar. Para Toffler, “os avanços na ciência e na tecnologia, ou mesmo apenas na biologia reprodutiva, poderiam, em pouco tempo esmagar todas as idéias ortodoxas sobre a família e suas responsabilidades”. (p. 197). Apresenta, nessa perspectiva, diversos modelos de famílias e aponta o casamento como uma instituição (que outrora era permanente) temporária e em constante mudança, pois “os casais não serão forçados a permanecer aprisionados, como tantos vivem hoje, por casamentos que ficam rançosos”. (p. 210). Esse pensamento será plenamente justificado com as facilidades vindouras para facilitar o processo de um divórcio.

Na quarta parte do livro, o autor aborda sobre a diversidade de ideias, de ambientes, de escolhas. Sendo assim, o capítulo doze - As origens da superescolha - aponta que nem no presente e nem no futuro o homem é agente da escolha, pois “privado de escolha, ele não será ativo – agirão sobre ele” (p. 215). Toffler cita Ellul, místico religioso francês, que diz que o homem “Viverá num estado totalitário, dirigido por uma Gestapo de luvas de pelica” (p. 215). Já no capítulo treze - Uma enxurrada de subcultos - Toffler previa a questão da fragmentação das identidades e que a sociedade iria se converter em subcultos que podem “ser minúsculos, mas autêntico, perdido na vastidão e na complexidade da civilização mais altamente tecnológica do mundo” (p. 230 e 231). A proliferação de subcultos é mais evidente no campo do trabalho, mas no campo das relações demonstra muita força com o gueto jovem, tribos maritais, rodízio tribal e o selvagem ignóbil. É salutar afirmar que “Quanto mais agrupamentos subculturais numa sociedade, maior a liberdade potencial dos indivíduos”. (p. 242).

Para finalizar a questão da diversidade, Toffler propõe o capítulo quatorze - Uma variedade de estilos de vida. A fragmentação da sociedade revela que na cultura moderna existem diversos de estilos de vida. A pluralidade dos estilos pode ser vista nos subcultos referidos no capítulo anterior. Para os participantes de um subculto é preciso ter heróis que

Speicher, citado por Toffler, chama de “a necessidade existencial crucial de uma identidade psicológica” (p. 250). Nesse capítulo, os meios de comunicação com sua alta volatilidade das informações, são apontados como fábricas de estilos de vida.

Toffler pontua que é preciso buscar forças para os limites da adaptação nesse processo de aceleração de mudança, de choque do futuro. No capítulo quinze - O choque do futuro - a dimensão física fica evidente, pois, apesar de tanta tecnologia, de tanta mudança, o homem é um ser biológico, um biosistema.

O choque do futuro é marcado pelo desgaste emocional, psicológico, emocional, social e, acima de tudo, físico, surgindo das sobrecargas lançadas no sistema físico do ser humano. Sendo assim, deve-se proteger o homem integralmente ao lançá-lo para o futuro. É preciso estabelecer limites de adaptação e evitar sobrecarregar a capacidade de mudança para evitar o choque do futuro.

No capítulo dezesseis, Toffler aborda “O choque do futuro: a dimensão psicológica”. Nas constantes mudanças que estão sendo perpetrada a humanidade, percebe-se que o psiquismo está sendo fortemente afetado, pois cada vez mais as pessoas estão se refugiando nas drogas, no misticismo, no vandalismo, no terrorismo e na violência, os quais crescem abruptamente. Como afirma o autor, “essas formas de irracionalidade social podem muito bem refletir a deterioração da tomada de decisões do indivíduo, debaixo da condição de superestímulo ambiental”. (p. 277). Há ainda um apelo exacerbado para os sentidos, uma sobrecarga de informações que vão gerando vítimas do choque do futuro.

É preciso estabelecer o mais depressa possível estratégias de sobrevivência e é exatamente isso que está proposto na última parte do livro. No capítulo dezessete - Para lidar com o amanhã - é possível se prevenir para o choque do futuro e o caminho para tal começa com a dimensão pessoal. Aliado a isso, é preciso inserir-se em grupamentos situacionais, pois “o agrupamento situacional pode muito bem se tornar um dos serviços sociais-chaves do futuro”. (p. 309).

O capítulo dezoito - Educação no pretérito futuro - aborda de maneira muito coerente as questões relativas à educação e a escolarização. Para Toffler, a educação está muito presa as questões do passado. É preciso olhar para o futuro. A educação precisa acompanhar as mudanças constantes que acontecem no mundo e não ficar alijada desse processo.

Currículos obsoletos que impõem padronizações e homogeneidade precisam ser revistos urgentemente, pois os mesmos, bem como todo o processo ensino-aprendizagem devem se tornar heterogêneos, como é o caminho de toda a sociedade.

É preciso “aprender a aprender” (p. 332), e para tal devem-se levar em consideração os relacionamentos e as escolhas que implicam numa questão crucial: os valores. Outro fator significativo é a contextualização, pois não se pode permitir que conteúdos sejam

transmitidos sem nenhum sentido para os sujeitos envolvidos.

“O choque do futuro – a doença da mudança – pode ser evitado” (p. 343). Toffler afirma essa premissa no capítulo dezenove - A tecnologia domada. Para se evitar o choque do futuro, faz-se necessário um trabalho de profilaxia, o que exigirá “uma ação social, e até política, drástica”. (p. 343). O caminho a ser seguido é regular conscientemente o avanço tecnológico. A tecnologia tem proporcionado recursos e avanços enormes para a humanidade, entretanto, essa mesma tecnologia tem provocado grandes estragos também. Basta de ter medo de exercer controle sobre a tecnologia. Afinal, o homem que a criou com todo o seu aparato, não deve ficar refém da mesma. Toffler, afirma que “a verdade aterrorizante é que, no que diz respeito à tecnologia, não há ninguém ao volante”. (p. 346).

Para finalizar suas previsões sobre o choque do futuro, propõe o capítulo vinte - A estratégia do futurismo social. Começa questionando: “É possível viver numa sociedade fora de controle?” (p. 357). As mudanças que ocorrem têm gerado uma crise planetária: urbanização, conflito étnico, migração, mudanças desequilibradas na natureza, bem como na economia. Então, como evitar o choque do futuro diante de tais situações, se a humanidade caminha rumo ao acaso, ao caos? Toffler diz que é preciso decretar a morte da tecnocracia, humanizar as pessoas e ressurgir a democratização, pois “para dominar a mudança, iremos, portanto necessitar tanto de um esclarecimento de importantes metas sociais à longo prazo, quanto de uma democratização do modo pelo qual chegamos a ela” (p.380).

Toffler expôs, de maneira brilhante, várias considerações sobre o choque do futuro e como evitar os traumas que causaria na sociedade. Ficou evidente, em sua obra, que o mesmo teve que se desprender de certas “amarras” para que pudesse escrever tão bela, porém, realisticamente sobre as ações que causariam a doença da mudança, o choque do futuro. Previu que as mudanças aconteceriam de forma acelerada e que as pessoas, bem como as organizações e instituições, teriam dificuldades em lidar com essa rapidez.

Marcou também ao longo de sua obra, o fato de afirmar que é necessário cultivar nas comunidades, nas organizações, na escola etc., o desejo pelo futuro, mas um futuro consciente, que vislumbra horizontes como a democracia interativa, a desmistificação da informação através da pluralidade e da flexibilidade das ações. É preciso nesse processo, substituir e quebrar certos paradigmas: velho/novo, rico/pobre, capitalismo/comunismo.

Faz-se necessário olhar para o futuro e estar inserido no processo de evolução rumo ao mesmo. Urge que se mude também a maneira de ver as coisas, de pensar, de agir e aceitar novas perspectivas em que a visão de mundo deve ser mais abrangente, na busca de uma transformação social, relacional, educacional e econômica.